

Terreiro da Boa Viagem (Zezinho da Boa Viagem)

Nascido em Boa Viagem, Recife-PE, em 12 de novembro de 1930, José Gomes de Lima Filho ficou famoso como Zezinho da Boa Viagem. Foi iniciado no dia 26 de agosto de 1943, por Antônio Pinto de Oliveira - Antônio Fomutinho, em São João de Meriti-RJ, da nação Ketu, Jeje Mahin, e com ele fez todas as suas obrigações (preceitos) até receber o Deká (confirmação recebida após sete anos).

Seu pai-de-santo, Antônio Fomutinho, é neto de Gaiaku Ludovina Pessoa e vovô Ventura, fundadores da Roça do Ventura (terreiro), em Cachoeira, na Bahia, que eram nagôs que vieram da África em 1811.

Em entrevista com pai Zezinho, em 19 de março de 2007, ele relatou que em Cachoeira havia duas roças de Jeje: a Roça do Ventura, de baixo, que era Jeje Mahin, de onde ele descende, e a roça de cima, que era de Dahomé: “Eram duas casas de Jeje num bairro só, tinha o portão de uma e, ao lado, era o portão de outra. A de baixo era Jeje Mahin e a de cima, Jeje Dahomé. Eu conhecia a casa e a janela, mas não conhecia mais ninguém da casa, quando eu cheguei em Cachoeira já não existia mais. A casa, as terras de Dahomé, estavam virando pasto, porque foram vendidas. Foi uma pena não ter tirado foto. Foi um momento histórico que eu não soube aproveitar, eu jamais podia imaginar que aquelas terras iam ser vendidas e iam destruir aquela casa”.

Pai Zezinho fundou seu Terreiro da Boa Viagem em 1957 e criou a Associação Religiosa Jeje Mahin Terreiro da Boa Viagem, que foi declarado pela Prefeitura de Nova Iguaçu como um bem de utilidade pública.

Orgulhoso de sua descendência, fala com pesar por hoje não poder mais realizar a cerimônia do Boitá (ori do boi), do Grá e do Podabá, porque seu terreiro é pequeno e não tem os recursos naturais, como uma cachoeira, muito verde e as árvores sagradas, necessários para fazer esses preceitos tão importantes.

Ele conta como é o seu terreiro: “Tem poço, dá pra fazer os preceitos, mas você precisa ter água no chão, água de nascente. O pessoal chega pra festa dia 16, no sábado, de manhã tem Oxossi e de tarde tem o candomblé. Aqueles santos viram todos no sábado e ficam até quinta-feira. Dentro da roça é assim, muito sigiloso, então não se vê o santo trabalhar, mas participa de todo trabalho que é necessário fazer. Só uma vez que ele vem pra cantar e bailar, como na casa da gente se faz. O santo vem pra fazer tudo que a

matéria faz, cozinhar, fazer tudo que é trabalho de casa, da casa de orixá, da casa de santo”.

Em seu calendário de festas, Pai Zezinho realiza: dia 1º de maio – Exu Tiriri, que é o guardião do seu portão; no segundo sábado de maio – Oxum; junho – Olissá; agosto – Omolu.

Com cinqüenta e cinco anos de santo, empolga-se ao falar que tem quase cinco mil filhos-de-santo, inclusive nos Estados Unidos, Inglaterra e Argentina. Já participou de Congresso em Nova York, com as presenças de Olga de Alaketo e Estela de Oxossi (Opó Afonjá). Recebeu a medalha Pedro Ernesto, da ALERJ – Assembléia Legislativa do Rio -, e Menção Honrosa da Câmara dos Vereadores de Nova Iguaçu. Tem sua biografia gravada no Museu da Imagem e do Som, ligado a FUNARJ – Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro.

Acima de todas as coisas, ele faz questão de declarar: “Zezinho da Boa Viagem, foi o nome que me deu sorte. Eu sou essa pessoa feliz, e a gente se sente bem, com as coisas que faz, com gente em volta, com o que tem na vida”.